

DONNA MARCHETTI

CARTAS DE *Amor e Ódio*

Em cada selo, uma
decisão; em cada carta,
um destino começa
a ser traçado.

DONNA MARCHETTI

CARTAS DE

Amor e Ódio

TRADUÇÃO
Clarissa Growoski

CAPÍTULO UM

Mulheres bonitas recebem ameaças de morte

NAOMI

— Acho que é um novo recorde. É só a sua segunda semana no ar e você já recebeu carta de fã.

Anne chega de fininho, e quando ouço sua voz atrás de mim, giro na cadeira, assustada. Deve ser por causa dos sapatos dela. São tão silenciosos, mesmo em piso de cerâmica. Ela sorri e balança uma carta na mão.

— Não sabia que meteorologistas recebiam cartas de fãs. Será que devo me preocupar?

— As bonitas recebem — replica Anne, dando uma piscadinha. — Mas, como eu disse, duas semanas é um novo recorde. Tomara que o seu novo fã não acabe sendo um *stalker*.

Pego a carta da mão dela e viro o envelope branco e simples. Meu nome e o endereço do canal de notícias estão escritos à mão. Anne me observa sem se dar ao trabalho de disfarçar a expectativa. Deslizo o dedo sob a aba e a abro, rasgando o envelope ao meio.

— Use o abridor de cartas — diz Anne, parecendo irritada.

— Quem precisa de um abridor de cartas? Meus dedos servem.

— Você vai cortar o dedo com o papel.

Não me importo. Dou de ombros.

— Sempre abri cartas assim.

Enfio a mão dentro do envelope rasgado e puxo uma única folha de caderno dobrada. A carta foi escrita à mão. Curta, simples, direto ao ponto:

Querida Naomi,

Tomara que você seja atingida por um raio e morra no meio da apresentação da próxima previsão do tempo ao vivo. Não seria irônico?

— L

Não consigo me controlar e solto uma risada. Tento reprimi-la, mas agora que saiu, meu corpo chacoalha com as gargalhadas. Anne arranca a carta da minha mão para ver o que é tão engraçado. Eu a observo por entre lágrimas de risos, enquanto ela arregala os olhos e seu rosto fica vermelho.

— Meu Deus! — exclama ela. — Desculpa. Eu não sabia o que era. Eu não... Você tá bem? Por que tá rindo?

Respiro fundo para me acalmar e pego o envelope rasgado. Fico decepcionada quando vejo que não há endereço do remetente.

— De onde veio?

Anne balança a cabeça. É claro que ela está confusa com a minha reação.

— Chegou com a correspondência hoje de manhã. Sem endereço do remetente. Você sabe de quem é?

Faço que sim com a cabeça. Sinto um sorriso surgindo de fininho nos lábios.

— Faz dois anos que não tenho notícias dessa pessoa.

Minha resposta só deixa Anne ainda mais confusa.

— É uma piada? Ou tem um psicopata perseguindo você, e a gente deveria saber disso?

— É uma longa história. É meio complicado explicar.

Anne puxa a cadeira da mesa ao lado e se senta.

— Estou livre agora.

Eu me levanto, pegando minhas coisas. Já terminei o trabalho e esta não é uma conversa que quero que todos os meus colegas ouçam.

— Eu já estava de saída — digo. Anne fica decepcionada. — Vem tomar café comigo e eu te conto tudo.

* * *

Querido Luca,

Estou muito animada de ser sua nova amiga por correspondência. Minha professora disse que você mora na Califórnia. Nunca conheci ninguém que morasse na Califórnia. Isso é tão legal! Você vai para a praia todos os dias? Acho que é isso que eu faria se morasse aí. Você deve adorar morar aí.

Eu moro em Oklahoma. Sempre quis morar perto da praia para poder ir a hora que eu quisesse. Não tem muita coisa para fazer na minha cidade a não ser ir ao shopping ou ao rio, que não é tão legal quanto o mar.

O que você gosta de fazer na Califórnia? Você tem animais de estimação? Eu tenho um hamster, mas quero mesmo é ter um gato. Minha mãe diz que posso ter um gato quando for um pouco mais velha, mas ela está dizendo isso desde que me entendo por gente. Tenho dez anos agora e acho que tenho idade suficiente para cuidar de um gato. Ou de um furão. Se eu não puder ter um gato, então quero ter um furão. E você? Você gosta de furões?

Com amor,

Naomi Light

Eu estava na quinta série quando escrevi minha primeira carta para o Luca. Minha professora sorteou alguns nomes dentro de um chapéu e fez a gente escolher com quem ia se corresponder. Foi assim que acabei escrevendo uma carta para um menino chamado Luca Pichler, que morava na Califórnia. Estava empolgada em fazer amizade com alguém que morava em outro estado. Nunca tinha me correspondido com ninguém antes e não sabia como deveria terminar a carta. Minha mãe sempre me fez assinar todas as minhas cartas com “Com amor, Naomi”, então foi assim que terminei essa. Só depois que escrevi que fiquei pensando se não era estranho escrever “amor” para um menino que eu não conhecia. Até então, eu só tinha escrito cartas para pessoas da família.

Era tarde demais para reescrever, e eu não queria rabiscar por cima e parecer desleixada. A sra. Goble estava andando por entre as mesas para recolher todas as cartas, então enfiei a minha no envelope e entreguei a ela.

A professora explicou que seriam enviadas pelo correio na manhã seguinte e que em alguns dias nossos amigos as receberiam. Então levaria mais alguns dias para termos notícias dos novos amigos da Califórnia.

Tivemos resposta das nossas cartas duas semanas depois. Fiquei muito animada de ter correspondência endereçada para mim que não fosse de alguém da

família. Quando abri a carta, a primeira coisa que notei foi que a letra de Luca Pichler era horrorosa. Se ele tivesse pelo menos tentado caprichar um pouco, eu teria levado metade do tempo que levei para lê-la.

Querida Naomi,

Você parece muito chata. Minha mãe disse que Oklahoma é no meio do cinturão bíblico, e que por isso você provavelmente vai acabar grávida aos dezesseis anos. Além disso, furões fedem. Se você quer um animal de estimação de verdade, então tenha um cachorro, porque gatos são chatos. Pensando bem, talvez um gato seja perfeito para você, afinal de contas.

Tem tornados em Oklahoma?

Com amor,

Luca Pichler.

O fato de que tive que fazer um grande esforço para decifrar a letra dele tornou tudo ainda mais enfiado. Minha carta foi tão bacana e alegre, e ele respondeu... desse jeito? Senti meu queixo começar a tremer. Não iria deixar a sra. Goble me ver assim. Dobrei a carta e respirei fundo. Pisquei para me livrar da umidade que se formava em meus olhos. Então a desdobrei e reli. Ele também tinha usado “com amor” ao finalizar a carta. Será que foi a mãe dele que o ensinou ou ele estava apenas me copiando? Talvez ele tivesse colocado só para ser irônico depois de escrever uma carta tão odiosa. Será que meninos da quinta série na Califórnia eram capazes desse tipo de ironia de propósito? Duvido. Ele devia estar tirando sarro de mim, assim como no resto da carta.

Com cuidado, arranquei uma folha do caderno, peguei a caneta e escrevi a resposta.

Querido Luca,

Sua letra é horrorosa. Nem consegui entender o que escreveu. Parece que você disse que tem cinco gatos e que o que mais gosta de fazer nos fins de semana é limpar a caixa de areia deles. Achei meio esquisito. Você deveria parar de beber tanta água salgada. No fim das contas, talvez seja bom eu morar longe do mar.

E, sim, tem tornados aqui.

Com amor,

Naomi.

A carta seguinte dele foi mais fácil de entender. Ficou óbvio que ele fez com mais calma, se concentrando para que a letra ficasse melhor. Pareceu uma vitória, mesmo que essa carta tenha sido ainda mais maldosa do que a primeira.

Querida Naomi,

Escrevi esta carta mais devagar para que sua mente simplória de Oklahoma possa acompanhar. Sinto muito por seus pais serem irmãos. Ouvi dizer que o incesto pode causar muitas deficiências de nascença, o que explica por que você acabou ficando desse jeito.

Fiquei feliz em saber que há tornados em Oklahoma. Se tivermos sorte, um tornado vai destruir a sua casa e impedir que seus pais procriem mais pessoas como você.

Com amor,

Luca.

Fiquei furiosa quando recebi a segunda carta. Não conseguia entender como alguém podia ser tão malvado e nojento. Dobrei a carta e a enfiei na gaveta da minha carteira, jurando nunca mais escrever para ele de novo. Achei que talvez, da primeira vez, ele só tivesse tido um dia ruim, mas depois ficou claro que estava fazendo isso só porque era um ser humano horrível.

* * *

— Mas você escreveu de novo pra ele, né? — pergunta Anne. — Você disse que faz dois anos que não tem notícias dele. Ele ficou todo esse tempo escrevendo pra você sem ter resposta?

— Eu respondi. Depois de um tempo.

— A sua professora viu as cartas dele?

Dou de ombros.

— Não. Ela sempre entregava as cartas com o envelope fechado. Acho que como ninguém nunca reclamou, ela supôs que nossos amigos estavam se comportando bem. Acabou sendo bom pra mim também, porque fiquei bem mais maldosa depois disso.

— Você ficou com raiva mesmo ou só fez isso pra ele reagir?

Fico em silêncio para pensar sobre o assunto.

— No começo, fiquei com raiva. Mas acho que, com o tempo, comecei a ficar ansiosa pelas cartas dele. Queria ver quão maldoso ele poderia ser. Estabeleci um objetivo pessoal de ser pior do que ele.

Anne olha para a carta entre nós na mesa.

— Parece que a bola tá com você agora.

Pego a carta e a observo, correndo os olhos pela letra familiar.

— Não tem endereço do remetente. Como é que vou responder?

— Tenta o endereço dele de dois anos atrás — sugere ela.

— Já tentei. Já faz um ano e meio que tentei. A carta voltou. Geralmente, quando um de nós se mudava, a gente mandava a carta seguinte com o endereço novo. Desta vez ele se mudou e não enviou nenhuma carta.

Anne franze os lábios, pensativa.

— Ele tá te desafiando — ela diz depois de um tempinho.

— Me desafiando?

— A encontrar ele — esclarece Anne. — Se você não responder, então ele vai ficar com a última palavra, encerrando décadas de batalha postal. Você tá preparada pra deixar ele vencer?

Balanço a cabeça.

— De jeito nenhum. Vou encontrar esse cara.

CAPÍTULO DOIS

Irmãos e irmãs

LUCA

Achei a ideia de ter uma amiga por correspondência bem idiota. Eu não tinha nada a dizer para uma criança qualquer que morava em outro estado. Talvez eu fosse o único na minha turma que não estava animado com isso. Enquanto meus colegas estavam lendo as cartas uns para os outros e falando sobre o que planejavam escrever como resposta, me sentei no fundo da sala. Preferia estar em casa jogando videogame.

Não era uma atividade que valia nota. A sra. Martin nunca nem leria as cartas.

— Luca — disse ela, chamando minha atenção. — Você gostaria de mostrar sua carta?

Balancei a cabeça.

— Acho que não.

Ela me deu um sorriso compreensivo.

— Quem sabe você não possa lê-la para o Ben.

Meu amigo Ben se sentava ao meu lado. Ele parecia estar tão animado quanto eu. Deslizei a carta na mesa para ele. Ele a leu e a empurrou de volta para mim.

— Ela fala bastante sobre o mar — comentou ele.

— Pois é — concordei.

— O que você vai escrever?

— Não sei, isso é uma idiotice.

— Você sempre acha que tudo é uma idiotice.

— Tudo é uma idiotice.

— Você precisa responder pra ela — disse Ben.

— Por quê?

— Porque se não responder, ela vai ser a única menina na turma dela que não vai receber uma carta.

Revirando os olhos e com um suspiro, virei meu caderno para uma página em branco. Olhei para a carta da Naomi mais uma vez e rabisquei a resposta. Quando terminei, abri um sorrisinho malicioso. Arranquei a folha do caderno e entreguei para o Ben.

— Você não pode mandar isso — falou ele. — Vai se dar mal.

— A sra. Martin nem vai ler — sussurrei em resposta.

— Que maldoso. Você vai fazer ela chorar.

— E daí? Nem conheço ela.

Peguei a carta de volta, dobrei e coloquei no envelope que nossa professora tinha dado. Achei que isso daria fim a essa coisa toda. Naomi Light pediria para se corresponder com outra pessoa e eu não precisaria escrever para mais ninguém.

Mas não foi o fim. Duas semanas depois, a sra. Martin entregou as novas cartas. Fiquei surpreso ao ver que Naomi tinha escrito para mim. Ben também pareceu surpreso. Ele esperou que eu abrisse a minha antes mesmo de abrir a dele.

— O que ela escreveu? — perguntou ele antes de eu terminar de ler.

A carta dela me deixou bravo.

— Ela nem entendeu o que eu escrevi e tá inventando coisas.

Abri meu caderno e comecei a rascunhar a resposta. Estava na metade da primeira frase quando risquei tudo. Ela tinha razão. Minha letra era feia. A sra. Martin estava sempre me pedindo para escrever com uma letra mais caprichada, e até a minha mãe já tinha me dito que eu precisava melhorar a caligrafia. Peguei outra página em branco e recomecei. Dessa vez, escrevi mais devagar, com cuidado para que todas as minhas letras ficassem separadas e bem legíveis.

Mostrei para o Ben quando terminei. Ele ergueu as sobrancelhas enquanto lia.

— Que nojento — disse ele. — O povo em Oklahoma faz isso mesmo? Casa com os irmãos?

Dei de ombros.

— Acho que não.

Peguei a carta de volta e a enfiei no envelope.

— Por que ainda tá sendo tão mau com ela? Ela devia tá animada de ter um amigo por correspondência.

Ben deu uma olhada para as outras crianças da turma e eu segui seu olhar. Todas as meninas abriam um sorriso enorme enquanto liam as cartas que

receberam e trocavam ideias sobre o que responder. Eu sabia qual era a dele. Estava tentando fazer com que eu visse Naomi como uma delas: uma garota de verdade, e não só um pedaço de papel que vinha pelo correio.

— Não quero ter que ficar escrevendo pra alguém o ano inteiro. Se ela decidir que não quer responder minha carta, não vai ser minha culpa, e a sra. Martin vai ter que me deixar em paz.

Fechei o envelope, escrevi o nome e o endereço da escola da Naomi e deixei a carta na caixa que a sra. Martin tinha designado para a correspondência. Fui o primeiro a entregar. Ela sorriu para mim.

— Você foi rápido — falou ela.

Dei de ombros e sorri com o que eu achava que era o meu sorriso mais charmoso.

— É muito fácil escrever pra minha amiga por correspondência. Não vejo a hora de receber notícias dela.

Mais duas semanas se passaram até recebermos as respostas. A sra. Martin andou pela sala, entregando as cartas. Quando chegou à minha carteira, ela parou, vasculhando a pilha de cartas em sua mão. Pegou uma e entregou para o Ben. Quando chegou ao fim da pilha, começou de novo.

— Hum — começou ela ao ver que era óbvio que não havia carta para mim. — Sinto muito, Luca. Parece que não tem nenhuma carta pra você desta vez. Deve ter sido separada das outras. De vez em quando acontece. Talvez chegue daqui a um ou dois dias.

— Ah. — Tentei soar decepcionado, mas não precisei de muito esforço. Fiquei surpreso ao descobrir que *estava* mesmo um pouco decepcionado. Enquanto aguardávamos pelas cartas, me dei conta de que esperava que Naomi mandasse outra carta cruel em resposta à minha para que então eu pudesse revidar com algo ainda mais maldoso.

Sabia que o principal motivo de escrever cartas perversas era fazer com que ela parasse de me responder, mas não achei que fosse acontecer tão rápido. Agora eu era a única criança da turma que não tinha nenhuma carta para ler.

No dia seguinte, parei na mesa da sra. Martin depois do intervalo.

— Chegou carta pra mim hoje? — perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— Sinto muito, Luca. Nada ainda. Quem sabe amanhã?

Mas não veio nada pelo correio no dia seguinte. Nem no outro.

Já tinha desistido de receber alguma resposta de Naomi quando o lote seguinte de cartas chegou pelo correio. Nem olhei para a sra. Martin enquanto ela circulava, entregando a correspondência. Estava fazendo a minha tarefa de casa quando ela colocou um envelope na minha carteira. Olhei para ela, surpreso. Ela piscou para mim e continuou andando pela sala, entregando o restante das cartas.

— Acho que seu plano não deu muito certo — disse Ben.

Ignorei e abri a carta.

Querido Luca,

Eu não ia responder nada depois do que você escreveu na última carta. Não gosto de usar palavras feias, mas queria dizer que você é um imbecil. Percebi que só deve ter dito aquelas coisas horróricas para se safar da tarefa de me escrever, então decidi que o melhor castigo é continuar enviando cartas para você.

Talvez eu deva avisar que meus pais não são irmãos. Acho até meio estranho você ter pensado isso. Você deve fantasiar umas coisas bem nojentas. Espero que não tenha irmãos, porque, se tiver, eles não devem querer nem chegar perto de você. A sua personalidade é feia, e aposto que você é feio por fora também.

A propósito, como é o clima na Califórnia nesta época do ano?

Com amor,

Naomi.

Querida Naomi,

Na verdade, não sou feio, não. Todas as meninas da minha turma acham que eu sou um gatinho. Minha professora pegou duas delas trocando bilhetinhos e era isso que diziam. Então, você está errada. Além disso, não tenho irmãos. É bem nojento você achar que eu tenho fantasias com irmãos. Por que pensou isso? Você tem esse tipo de fantasias? Que nojento.

O clima é bem bom nesta época do ano. Hoje está uns 25 graus. Acho que vou para a praia depois da escola.

Com amor,

Luca.

Querido Luca,

As meninas da sua turma estão erradas porque meninos da quinta série não são gatinhos. Quando as meninas da sua turma chamarem você de gato, deve ser porque estão querendo dizer que é magrelo. Minha prima mais velha diz que meninos só ficam gatos no ensino médio. Mas, enfim, acredite no que quiser se isso deixa você feliz.

Tenho tanta inveja do clima daí. Aqui está muito frio e nublado. Queria estar deitada na praia agora. Você é bem bronzeado? Queria pegar um bronze.

*Com amor,
Naomi.*

Querida Naomi,

Pare de tentar ser minha amiga falando sobre o clima e bronzeado. Não vai funcionar. Outra coisa, você não deveria se estirar na praia porque alguém pode confundir você com uma baleia, e aí, quando você menos esperar, vai ter um monte de gente ao seu redor tentando empurrar você de volta para o mar.

Não estou nem aí para o que a sua prima diz sobre meninos. Se ela é mais velha do que a gente, então é claro que não acha que meninos da quinta série são gatos. Além do mais, eu não sou magrelo, e meu abdômen é definido.

*Com amor,
Luca.*

Quando chegou o período das férias de inverno, eu era um dos poucos alunos da turma que ainda recebia cartas com frequência. Até o Ben ficou entediado com a troca de correspondências. Ao voltarmos para a escola em janeiro, só havia uma carta esperando o nosso retorno. E era endereçada a mim. A turma toda se virou para me olhar quando a sra. Martin anunciou que eu tinha recebido um envelope lá de Oklahoma. Era como se todos tivessem esquecido que os amigos por correspondência existiam.

Enfiei o envelope na mochila para ler depois, sem ninguém me olhando. Quando respondi, mudei o endereço para o da minha casa, em vez de colocar o da escola. Não queria que ninguém soubesse que eu era o único que ainda cumpria a tarefa de escrever para alguém de outro estado.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES
DE TODOS OS LANÇAMENTOS

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo
com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JUNHO DE 2024